

TITLE : A Obnubilação da Ética do Virtual em Face de Thanatos. O virtual, expressão do latim escolástico "virtualis" (1503), significa "o que está em estado de potência". G. Deleuze diz que "o virtual não se opõe ao real, mas ao atual", no sentido de um desejo fetal em potência. A atualidade é uma pandemia em isolamento; os pacientes estão em quarentena, que poderia se assemelhar a um aprisionamento psíquico?

Nossas palavras são mais expressivas do que a nossa consciência sobre a obscuridade da elaboração do virtual de cada um: nossos virtuais permanecem um enigma, estão longe da consciência. Sob o efeito traumático do impulso de morte, ignoramos a ilusão por meio de uma "amênia". O virtual é uma repetição entre o desejo de abrir-se e fechar-se, tocando no impulso de morte.

Assim, o vínculo entre a mecanização e o virtual reside em duas vertentes: na construção de uma ruptura psíquica e do jogo simbólico, a fim de permitir um trabalho de metaforização emocional. Tudo isso gira em torno de uma lembrança não fixa - que interrompe a fala e a transforma em imagens - onde a metáfora reina.

Ao falarmos do vínculo virtual, não podemos omitir a transferência lateral da relação-objeto-biopsíquica-virtual, que converge com os trabalhos de Grumberger sobre "protonarcisismo" fetal. Nessa linha, o psicossomático pré-natal destaca a inércia na função matricial do ser humano. A transferência lateral consiste em uma tríade biológica feto-placenta-mãe, que, na minha opinião, especifica bem a divisão biológica na qual se baseia a relação-objeto-biopsíquica-virtual (ROBV), através da imaterialidade do corpo em torno dessa transitividade que é a tela; a imagem resulta no perinatal, a transitabilidade do espaço. Esse esquema - matriz-protonarcisismo-máquina-virtualidade - configura uma nódoa cega que consiste na busca por imagens ilusórias refratadas diante da inércia, o ponto morto, equivalente ao tanatos, reunindo-se em torno ao horror que encobre um estado de inércia diante da mecanização, que pode se manifestar como "o estranho inquietante" (Freud, 1919) que pode ser melhor traduzido como a angústia da aniquilação, desaparecimento ou liberação do objeto em direção a um ser humano.

A "virtualização" desse quadro será discutida como uma visão paradigmática fecunda, por meio de uma relação objeto biopsíquico virtual (ROBV) que será considerada no espaço-tempo em torno do nascimento, por meio dessa tentativa de abertura e fechamento, expressão de uma parte do motor de destruição que circula livremente no ser humano.

O estudo do encontro de uma interferência entre a técnica e um processo biopsíquico, o "tornar-se psicanalista no virtual". Isso ilustra a intrincada relação entre o virtual, matriz simbólica do humano, e a virtualização técnica que a acompanha como sua sombra. Freud descreve a complexidade do aparelho mnêmico por meio de uma ponte lançada através da metáfora entre uma teoria inovadora da memória e uma criação técnica, ou como a criação de um robô mecânico perdido no sentido humano. H. Searles abriu notavelmente o caminho. Em 1960, ele afirmou: "O elemento não humano do ambiente do ser humano é um dos componentes mais fundamentais da vida psíquica". Desse modo, diante da pandemia, seu livro "O ambiente não humano", torna-se uma necessidade do virtual?

A virtualização é uma mutação de identidade, um deslocamento do centro de gravidade ontológico do objeto em questão: em vez de se definir pela sua atualidade (uma "solução"), o atual e o virtual coexistem e entram em um circuito estreito que nos leva constantemente de um ao outro. Não se trata mais de uma singularização. Mais bem, trata-se de uma individuação como processo, o atual e o seu virtual.

A obnubilação tem precisamente a função, através do envolvimento psíquico inconsciente do psicanalista, de realçar o enlace da relação transfero-contra-transferencial ao redor de um ponto de fixação, em repetição. Portanto, é essencial que o analista esteja atento ao seu contra-transferência; em uma triade biológica feto-placenta-mãe que, ao meu ver, especifica bem a divisão biológica sobre a qual se baseia a ROBV, permitindo-lhe perceber a possível presença de uma nódoa cega com a mecanização.

O atual e o virtual surgem em situações de movimento identificatório inconsciente com um dos objetos internos do paciente ou com uma parte clivada e negada do seu Eu deste último, todas as condições estão reunidas para o surgimento de uma nódoa cega.

Quando o analista se vê implicado em um movimento do virtual - pois o paciente está sofrendo com o desconhecido, seu ROBV pode se tornar um objeto cedido ou no sentido de fabricar um objeto corporal técnico virtual, onde o paciente escotomiza seu corpo. Pois o virtual leva a esse desapego da fronteira comum entre corpo e a técnica, como extensões do corpo do paciente, que passa da dependência a sua consideração, expressando a relação de objeto biopsíquico por meio de uma prótese para a autonomia da máquina. O analista deve sair de sua obnubilação, pois o processo online visa à evolução técnica que se impõe como substituto e extensão da evolução biológica: a vivência do paciente é expressa por meio de ferramentas mecânicas ocupando um lugar de "órgão artificial".

Quando o analista se encontra envolvido nesse movimento em que o paciente utiliza o virtual como um funcionamento de prótese que acompanha uma tendência de periferização psíquica, a ética do analista deve zelar por sair da obnubilação em direção a um aprofundamento nas interpretações.

A regra de abstinência e neutralidade benevolente consiste na troca intervital, a fim de compreender a extensão narcísica das capacidades do paciente, ampliando e revelando seu potencial de defesa esquizofrênica. É muito importante ser cauteloso ao utilizá-las em certos pacientes, pois podem provocar a repetição da segregação estrangeira subjacente à relação de objeto parcial projetiva.

O analista assume a condução da sessão em um local neutro e imutável; idealmente, para sustentar a transitabilidade dos espaços, assim como o trabalho de figurabilidade. Ao interpretar esse magnetismo criado pela realidade virtual, colocamos no cerne do processo de se tornar humano. A ética consiste em compreender o sofrimento por meio de vínculos virtuais com os "elementos beta" de W. Bion. E o conhecimento incomum acaba se transformando em "elemento alfa", contribuindo para a transformação. Como remediar o excesso de virtualização no sentido de perversão afetiva? Falamos de uma relação de objeto biopsíquico virtual específica do ser humano, dentro de uma metapsicologia dos processos de transformação, com três condições: o analista deve estar integrado nesse movimento lógico das relações inconscientes e equilibrado nas relações conscientes, ou ainda, em um movimento em que esses dois polos, em constante tensão interativa e nunca resolvida, devem constituir uma dialética positiva, iniciadora de transformações criativas. Na medida em que essa última tensão é inseparável da escuta assim suscitada no sistema PCS do analista, a obnubilação desempenha, do ponto de vista econômico, uma dupla função. Assim, por um lado, e desde o ponto de vista intrapsíquico, a obnubilação do pós-transferencial e das interpretações de fechamento organiza um movimento que reprime a excitação do analista. Por outro lado, e do ponto de vista interpessoal, ela temporariamente constitui uma forma enquadrante e contentora para a cura analítica, colocando em primeiro plano

a nidificação inconsciente carregada nos resíduos das memórias em metáfora. A nidificação é uma etapa de revivência dos conflitos de separação, desde os mais arcaicos, simples, até os mais elaborados. Em uma transparência enriquecedora e dinâmica ou sofrida e desestabilizadora, o "complexo problemático" de sua linhagem, de sua biografia, se atualiza.

Durante a análise, o virtual destaca a criatividade e a vulnerabilidade das metamorfoses do segmento perinatal. Se os traumas ou fantasmas são reavivados, o biopsíquico estará em perigo, bem como a coesão do virtual e da criança atual. No entanto, observe que é possível para o psicanalista negar, por meio de um processo de compromisso, a ansiedade que surge da falta de representação e que seria responsável pelo surgimento da obnubilação em seu contra-transferência. Isso se refere à interpretação de fechamento.

A construção e transformação ocorrem dentro dessa ROBV. A criança virtual corresponde à criança "imaginada", descrita por Soulé (1983) e Lebovici (1994), que a divide em criança imaginária, fantasmática e mítica. O devaneio do analista sobre a criança imaginada é um santuário da antecipação da criança virtual. O psicanalista arrisca-se a criar, de pré-investir o bebê imaginado. Para metaforizar as questões dinâmicas, no virtual trata-se de uma metáfora de funcionamento psíquico placentário obnubilado: parece-me, posteriormente, uma etapa significativa no caminho da conceituação da ROBV. Essa metáfora do virtual é semelhante ao reservatório placentário, buscando destacar a finalidade funcional da gestação psíquica da contenção e da interação com a criança virtual, ao custo de uma renegociação do narcisismo primário, cuja análise consiste em uma encarnação e saída da inércia do ponto tanatos em direção à qualidade da função de contenção da placenta psíquica do analista, determinante para a gênese da relação biopsíquica do objeto em relação à criança virtual. Assim como a empatia do analista no pós-natal em relação ao primeiro vínculo real.